

Em pouco menos de uma semana, a próxima *Jornada nas Estrelas* projeto chega na forma de *Seção 31* um filme em streaming estrelado por Michelle Yeoh mergulhando na organização titular de operações secretas - que, pelo menos em todas as filmagens que vimos até agora, enfatiza o brilho e o glamour do trabalho do agente secreto. Há ação, há fantasias deslumbrantes, há até, talvez o mais surpreendente no contexto de tudo isso, supervisão direta da Federação, como um colega de trabalho com um pau na bunda que está aqui para impedir você de se divertir.

Não é de admirar então que alguns *Jornada nas Estrelas* os fãs estão preocupados com o que *Seção 31* realmente pensa que é o seu homônimo - e talvez até algumas de suas estrelas estejam preocupadas com isso. "Estou com medo de como isso será recebido, porque não é o *Caminhada* as pessoas querem. O *Caminhada* que as pessoas querem, o *Caminhada* que todos nós queremos, são apenas mais 1.000 episódios de *TNG*", Rob Kazinsky, que interpreta Zeph ciberneticamente aprimorado no filme, disse recentemente à *SFX Magazine*. "Todo mundo está sempre furioso por não estar conseguindo mais *TNG* enquanto ao mesmo tempo, quando *TNG* saiu, todo mundo odiou. Então isso vai acontecer e não vai parecer nada *Caminhada* que eles já viram."



©Paramount

Mas quando se trata do *Jornada nas Estrelas* que as pessoas querem - especialmente um *Jornada nas Estrelas* lutando com a ideia da *Seção 31* como seu foco principal - talvez *A próxima geração* não deveria ser o exemplo ao qual recorremos. Para obter uma perspectiva



real sobre o papel da Seção 31 na *Jornada nas Estrelas* a sua existência paradoxal como o “mal necessário” que destrói a sua utopia, precisamos apenas olhar para trás, para o espetáculo que nos deu isso em primeiro lugar: *Espaço Profundo Nove*. Crucialmente, na configuração anterior a essa introdução, *DS9* nos levou e ao Dr. Julian Bashir, o personagem que assume o impulso de seu arco com a Seção 31, em outra jornada em “Our Man Bashir”. É um *James Bond* pastiche que colocou Bashir no centro de uma carta de amor chamativa, glamorosa e kitsch à clássica ficção de espionagem.

Em “Our Man Bashir”, a espionagem é sexy, elegante e cheia de ação. Bashir se torna o herói descarado de seu programa holosuite – há lindos trajes retrô, cassinos e glamour, vilões bem definidos com tramas cômicas e covardes para dominar o mundo. Mesmo com Garak – um ex-espião de verdade, do qual Bashir sempre foi obcecado em desvendar os segredos – acompanhando a aventura de Bashir para lembrá-lo de maneira divertida de como tudo isso é diferente do trabalho de espionagem real, é um episódio que celebra a espionagem cinematográfica como conhecemos e adoro. Mesmo com os dilemas dramáticos com os quais brinca (é um clássico *Caminhada* tropo, o cenário do holodeck que deu errado com um elemento “morra no jogo, morra na vida real” para começar), é um episódio que quase justifica o sonho romantizado de Bashir sobre o que é ser um espião, mesmo quando ele é forçado a salvar o dia real, perdendo em sua fantasia.

Duas temporadas depois, *DS9* introduziu a Seção 31 em sua sexta temporada em “Inquisição”, quando Bashir é alvo da organização como um recruta em potencial no auge de seu arco de história, empurrando a galáxia para o caos com a eclosão da Guerra do Domínio. Neste ponto, o programa já havia feito muito para penetrar na dura realidade do que o capitão Sisko havia descrito uma vez no início de *DS9* o mandato de ser fácil “ser um santo no paraíso”, examinando como a Frota Estelar e a Federação em geral responderam quando confrontadas com conflitos interestelares numa escala sem precedentes. Se “Our Man Bashir” tratou as críticas de Garak sobre a realidade do trabalho de espionagem como uma piada a ser ignorada por Bashir, “Inquisition” faz delas o cerne de seu texto: desde o início, a Seção 31 é apresentada como uma antítese de tudo Bashir e o resto *DS9a* tripulação é querida.



©Paramount

O trabalho que o agente Sloane faz, mesmo na medida em que ele passa apenas para tentar recrutar Bashir, é invasivo e sem glamour. O próprio Sloane, a personificação da Seção 31 como a conhecemos, está sobrecarregado com um sentimento de paranóia que vai contra qualquer coisa que esperaríamos de um oficial da Frota Estelar, operações secretas ou outras. Bashir não fica animado ao descobrir que a Seção 31 existe, mas fica absolutamente horrorizado - e sua resposta imediata, assim como a do resto da tripulação, é tentar destruí-la completamente, seja trazendo-a à luz ou, como Sisko finalmente sugere, ele no final do episódio, para trabalhar em miná-lo por dentro. Ao longo das aparições restantes da Seção 31 em *DS9*—a continuação direta de “Inquisição”, “Inter Arma Enim Silent Leges”, que irrita ainda mais Bashir e o programa em geral na Seção 31, e as mais alucinantes “Medidas Extremas” - o argumento que Sloane apresenta da organização como um necessário o [mal](#) nunca é considerado uma conclusão viável nem pela série nem pelos nossos protagonistas. Na verdade, a Seção 31 torna-se tão antagonista em sua aparência quanto o próprio Domínio o é, uma ameaça existencial à própria fibra moral do *Jornada nas Estrelas*.

Isso não é mais revelador, talvez não nos episódios seguintes da Seção 31, mas no episódio que foi ao [ar](#) logo após sua introdução: o icônico “In the Pale Moonlight”, criando um golpe duplo matador. Se “Inquisition” introduziu a ideia de um aparato formal para a espionagem dentro da Federação, “In the Pale Moonlight” é sobre o próprio ato de espionagem - os wetworks, a conspiração, o subterfúgio que é inerente à sua sombria realidade. Novamente,



isso não é nada parecido com o romance *DS9* teve com o gênero em “Our Man Bashir”, o caminho para o inferno que o Capitão Sisko desce com Garak em “In the Pale Moonlight” é constantemente mostrado para nós como repugnante, não apenas pelos atos cometidos ao longo dele, mas pela moral decadência que o trabalho atua sobre Sisko e sobre *Jornada nas Estrelas* em si. O maior horror de “In the Pale Moonlight” não é que Sisko seja cúmplice de um assassinato que traz os romulanos para a guerra contra o Domínio, garantindo a morte de mais milhões enquanto continua em nome de salvar mais bilhões do Potencial derrota da Federação. É que, como ele diz severamente para a câmera que grava o registro pessoal que ele sabe que está prestes a excluir, ele pode conviver com o custo que isso tem para sua alma. O episódio termina com a declaração formal de guerra dos romulanos ao Domínio, que é o que Sisko queria, mas nunca considera que se trata de uma vitória dentro da narrativa: não há um bom final para a realidade real da espionagem fora da fantasia de um holoprograma .







*Espaço Profundo Nove* poderia ter jogado a bomba em primeiro lugar ao nos dar a existência da Seção 31, mas entendeu o perigo de empunhar tal arma em primeiro lugar - porque já expôs ao seu público e aos seus personagens que a fantasia de uma organização de espionagem ultrassecreta em *Jornada nas Estrelas* O universo de *Weed* não era nada mais do que isso, e que sua realidade era algo muito, muito mais feio de compreender. Se o *Seção 31* filme quer evitar esse medo de ser visto como não sendo o *Caminhada* que as pessoas querem, então tem que entender isso também. Caso contrário, ao contrário de *Sisko*, não pode aprender a conviver com a apresentação de uma fantasia ociosa e nada mais.

Quer mais novidades sobre io9? Confira quando esperar os últimos lançamentos da [Marvel](#), Star Wars e Star Trek, o que vem por aí no Universo DC no cinema e na TV e tudo o que você precisa saber sobre o futuro de Doctor Who.